



## Heresias do catolicismo atual



09 Mai 2020

A A

O título, decididamente provocador, atraíra a minha atenção na livraria, quando foi lançado. Depois de ler, na página 5, que o ensaio era dedicado pelo autor a amigos crentes e não crentes que o ajudaram a se interrogar sem medo para repensar e purificar a sua **fé**, sempre distorcida quando se tenta “traduzi-la nas nossas pobres palavras humanas”, eu não tive dúvidas de comprá-lo, com a intenção de lê-lo o quanto antes.

O comentário é de **Andrea Lebra**, publicado por **Settimana News**, 07-05-2020. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

### Eis o texto.

Tendo ficado por vários meses no fim da fila de outros livros do meu (desordenado) escritório, somente nestes dias de **isolamento domiciliar** forçado pela **pandemia** é que me foi possível trazê-lo à luz e lê-lo com grande interesse.

Estou falando do livro “**Eresie attuali del cattolicesimo**” [Heresias atuais do catolicismo], publicado na Espanha em 2013 e publicado no ano passado em italiano pelas Edições Dehoniane de Bolonha, de [José Ignacio González Faus](#), jesuíta e professor emérito de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia da Catalunha (Barcelona) e na Universidade Centro-Americana de El Salvador, autor, pela EDB (primeira edição em 1995, edição econômica de 2012), de “**I poveri, vicari di Cristo**” [Os pobres, vigários de Cristo], uma rica e iluminadora antologia de textos da tradição cristã sobre a dignidade dos pobres na Igreja.

As “[heresias](#)” levadas em consideração são aquelas que a tradição teológica considera como “materiais” ou “inconscientes”, distinguindo-as das formais que se traduzem em negações conscientes e deliberadas de aspectos fundamentais da mensagem cristã.

O livro – escreve o autor na **Introdução** – “não pretende acusar diretamente ninguém de heresia” (p. 13). Pelo contrário, ele quer ser uma “confissão”, e as heresias a serem desmontadas são aquelas que ele, teólogo, descobriu em si mesmo, tendo tido “a imensa sorte de estar muito em contato com as fontes cristãs” e de dialogar com os seus irmãos na fé.

“Acho que essa imensa sorte me obriga a tentar prestar um serviço aos meus irmãos de hoje que não tiveram tanta sorte e que muitas e muitas vezes discutem sobre a própria fé” (p. 15).

São dez as **heresias** inconscientes que o teólogo espanhol entrevê no [catolicismo contemporâneo](#) e que “podem destruir a identidade cristã” (p. 16): todas – parece-me – bastante difundidas, com modalidades talvez nem tão inconscientes nas nossas comunidades e na mentalidade dos fiéis.

## **O monofisismo e o apolinarismo latentes**

A [fé cristã](#) se fundamenta em uma afirmação paradoxal: Deus, que ninguém jamais viu (Jo 1,18), humanizou-se na história, na vida e nas ações daquele judeu que era Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, cuja existência na Palestina do primeiro século pode ser afirmada com certeza graças aos dados abundantes e seguros que possuímos e que se referem àquilo que ele fez e ensinou.

No entanto, é difundida a visão que concebe apenas a divindade de Jesus às



custas da sua humanidade, que carrega os sinais do sofrimento, dos limites e da morte, com o conseqüente despojamento – como atesta a Carta aos Filipenses 2,7 – da sua condição divina (p. 26).

É uma concepção que pode assumir a forma de um **monofisismo latente** (p. 18): em Jesus, a natureza humana é absorvida na natureza divina até desaparecer nela, como uma gota de vinho que cai na imensidão do oceano (p. 18, nota 3).

Mas essa visão também poderia assumir a forma de um **apolarismo latente**: Jesus foi, sim, uma pessoa de carne e osso, como qualquer outro ser humano, mas não tinha uma estrutura psicológica humana como a nossa, sujeita, portanto, à fragilidade, à angústia, ao medo ou ao senso de fracasso (p. 19).

## Ignorar os pobres

Como **Inácio de Antioquia** recordava aos cristãos da **Igreja de Esmirna** no século II, quem não crê que Jesus veio na carne e foi condenado à morte “não se importa com a caridade, nem com a viúva, nem com o órfão, nem com o oprimido, nem com quem está preso ou livre, nem com quem tem fome ou sede”.

“A heresia anterior – escreve [José Ignacio González Faus](#) – nos leva, portanto, quase automaticamente, a esta outra”: negar a eminente dignidade dos pobres na Igreja (pp. 33-34).

A **Igreja** é fiel a Cristo na medida em que é fiel aos pobres (p. 34). De fato, os pobres, como disse [Paulo VI](#) aos camponeses colombianos no dia 23 de agosto de 1968 (p. 41), são um sinal, uma imagem, um mistério da presença de Cristo. Neles a tradição da Igreja – ainda nas palavras de **Paulo VI** – reconhece o sacramento de Cristo em perfeita correspondência analógica e mística com o [sacramento da eucaristia](#).

Mas tem mais. O título clássico de “[vigário de Cristo](#)”, que **Inocência III** reservou ao papa no século XII, era atribuído anteriormente aos pobres. Testemunha disso é uma carta dirigida a **Ralph de Warneville**, bispo de **Liseux**, por **Pierre de Blois**, estadista e teólogo, que foi chanceler do bispo de **Canterbury** e viveu no século XII entre a **França** e a **Inglaterra**: “O pobre é o vigário de Cristo. E assim como o Senhor se condói de ver-se rejeitado e desprezado no pobre, assim também o alegra o fato de ser acolhido no pobre” (p. 41, nota 7).

É uma mensagem tão clara, eloqüente e exigente que nenhuma hermenêutica

É uma mensagem tão clara, eloquente e exigente que nenhuma hermeneutica eclesial pode redimensionar o seu porte.

## A falsificação da cruz de Cristo

Pensar que é Deus quem manda o sofrimento e a morte porque nos quer bem é uma blasfêmia. A ideia de que a cruz de Cristo é a satisfação infinita oferecida a Deus para apaciar a sua cólera causada pelo pecado dos humanos é algo monstruoso (p. 53).

Devemos ser gratos à investigação crítica neotestamentária por ter esclarecido que a morte de Jesus não é uma necessidade metafísica da justiça de Deus, mas sim a consequência das suas escolhas de vida (p. 69).

Jesus eliminou a face numinosa tremenda e violenta de Deus e trouxe à tona plenamente a exclusiva face de amor, de benevolência e de misericórdia (p. 53). A **justiça** do Deus revelado por Jesus de Nazaré é a justiça do amor, não a justiça do deus impiedoso. Deus não quer a morte do iníquo; ele quer que ele viva em plenitude e se converta (p. 57).

“A dor que vale é aquela que é fruto de um amor tão grande que não se deixa intimidar, nem recua diante das consequências da sua escolha de amar de maneira radical”, como fez Jesus (p. 66).



## A “ceia do Senhor” sem comunhão e sem alegria

Uma das distorções mais frequentes da **eucaristia** consiste em separar completamente a matéria (pão e vinho) do gesto (partilha). Partir e distribuir o pão significa compartilhar as necessidades dos homens e das mulheres (das quais o pão é um símbolo primário).

Passar a taça entre irmãos e irmãs na mesma fé é comungar reciprocamente a alegria (da qual o vinho é outro símbolo humano ancestral) de ser filhos e filhas do Pai celeste.

União juntos, partilha das necessidades e comunhão da alegria são os gestos da **solidariedade suprema**. “E, ao realizar esses gestos, nos é dada a garantia de uma presença real do Ressuscitado na nossa história obscura” (p. 78).

“A função da **eucaristia** é eucaristizar a Igreja, para que esta, por sua vez, seja capaz de eucaristizar do mundo” (p. 82), levando todo fiel a se fazer pão partido e partilhado para os outros e, portanto, também a se comprometer com um mundo mais justo e fraterno (p. 79).

## A separação entre fé e vida

“A **fé cristã** é deturpada quando é transformada em uma doutrina teórica ou em uma religião ritual” (p. 93) e degenera em uma gnose (p. 95). O seu alimento mais seguro é o modo como vivemos a nossa vida para contribuir para transformar o mundo de acordo com as coordenadas do Reino de Deus (p. 99 e 101).

A dissociação, que se constata em muitos cristãos, entre a fé que professam e a sua vida cotidiana, deve ser contada entre os erros mais graves do nosso tempo (p. 94). A fé nunca pode ser uma questão apenas mental: ela requer ser transformada em testemunho de vida.

“Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor! Senhor!’, entrará no **Reino dos Céus**, mas só aquele que põe em prática a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21). Como nos recorda o número 19 da *Gaudium et spes*, até mesmo na gênese do ateísmo os fiéis podem contribuir muito, na medida em que apresentam falsas imagens de Deus por causa dos defeitos e das incoerências da sua vida religiosa, moral e social (pp. 94-95).

## Pode-se servir a Deus e ao dinheiro?

É impossível servir a Deus e aos dinheiro: é preciso escolher entre um ou outro (Lc 16,13). A ganância do dinheiro é idolatria (Col 3,5) e a raiz de todos os males (1Tm 6,10). Segue-se daí que o dinheiro, adversário de Deus, é um ídolo ao qual, com muita frequência, se presta um culto sacrílego (p. 122).

A distância entre o **Evangelho** e o [catolicismo de hoje](#) em tudo o que se refere ao tema dos ricos e dos pobres não evidencia apenas um escândalo (como aquele monstruoso da pedofilia), mas denota também “uma visão teológica que pode deturpar nada menos do que a identidade do Deus bíblico”.

Deus é o Deus dos pobres, ele é conhecido não em nível especulativo, mas praticando a justiça e a solidariedade. Como se lê no livro de **Judite 9,11**, ele é o Deus dos humildes, o socorro dos pequenos, o defensor dos fracos, o protetor dos rejeitados, o salvador dos desesperados (p. 119).

## Crer na Igreja esquecendo que só em Deus é possível crer

A **Igreja** não é uma realidade na qual o cristão crê, assim como crê “em” Deus, “em” Jesus Cristo e “no” Espírito Santo. A Igreja não é Deus, nem Jesus Cristo, nem o Espírito Santo: ela é uma realidade que o cristão crê, isto é, uma realidade

da qual aceita a existência (p. 141).

De fato, na [Igreja](#), como acontece em uma grande família, somos acolhidos e aprendemos a viver como fiéis e discípulos do Senhor Jesus, que, graças ao Espírito, nos revelou o rosto de Deus. A Igreja não é um ídolo a ser adorado, mas sim uma realidade à qual o cristão reza, para que seja sempre testemunho vivo da verdade e da liberdade (p. 144).

Nada de divinização ou idolatria da Igreja (p. 150). Nada de tentar colocá-la acima da Palavra de Deus (p. 151), a cujo serviço ela deve se colocar com humildade e coragem.

## Monofisismo eclesiológico e divinização do papa

No **Evangelho de Mateus**, lemos: “Quanto a vós, não vos façais chamar de ‘rabi’, pois um só é vosso Mestre e todos vós sóis irmãos. Não chameis a ninguém na terra de ‘pai’, pois um só é vosso Pai, aquele que está nos céus. Não deixeis que vos chamem de ‘guia’, pois um só é o vosso Guia, o Cristo. Pelo contrário, o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve” (Mt 23,8-11).

Apesar da clareza dessa página do **Evangelho**, acostumamo-nos tranquilamente a chamar o papa de “santo padre” ou de “santidade”. E o único título, digno do sucessor de **Pedro**, que é o de “servo dos servos de Deus”, embora relatado no **Anuário Pontifício**, nunca é usado (p. 165).

É possível que, amanhã, em muitas mentalidades, domine uma espécie de “monofisismo eclesiológico” (p. 170), que gostaria de atribuir à figura do papa uma sacralidade que o torne estranho à dimensão humana (p. 173).

## Clericalismo

O **Novo Testamento** e a tradição eclesial primitiva absolutamente não eram clericais. Por que nós deveríamos sê-lo? (p. 191)

Para contribuir para não ser assim, o autor cita alguns parágrafos do decreto ***Presbyterorum ordinis*** sobre o ministério e a vida dos presbíteros. E evidencia algumas das tarefas extremamente importantes que lhes são confiadas, que, se traduzidas em estilos de vida e escolhas pastorais, poderiam constituir um verdadeiro antídoto ao [clericalismo](#).

Aqui estão eles listados: reunir a família de Deus como família viva e unida, e conduzi-la ao Pai por meio de Cristo no Espírito Santo; ter com todos relações marcadas na bondade mais delicada: colocar-se a serviço de todos. mas de modo

especial dos pobres e dos mais fracos; cuidar da formação da comunidade cristã; estar cientes da pouca utilidade até das mais belas cerimônias, se estas não estiverem voltadas a educar homens e mulheres para a maturidade cristã; ouvir a opinião dos leigos, aproveitando a sua experiência e competência nos vários campos da atividade humana; cuidar da própria preparação teológica e da própria cultura, de modo a estar em condições de sustentar com bons resultados o diálogo com os homens e as mulheres do seu tempo (pp. 205-206).

## Esquecimento do Espírito Santo

A última “**heresia**” que, de alguma forma, resume todas as outras, é constituída pelo esquecimento do Espírito Santo, que caracterizou a tradição teológica ocidental (p. 30), mas que afeta – observa o teólogo espanhol – “muitíssimos cristãos para os quais seria muito válida a frase dos **Atos dos Apóstolos** (19,2): ‘Nem sequer ouvimos dizer que existe Espírito Santo’” (p. 207).

O Espírito é o estilo de Deus: unidade na pluralidade, liberdade na obediência, leveza na gravidade, presença na ausência, profundidade na interioridade (pp. 209-210).

Ele sopra não apenas onde quer, mas também como quer. “Talvez seja por isso que uma grande parte do [catolicismo de hoje](#) prefira a calma com a qual não se avança ou as portas fechadas pelo medo, como fizeram os apóstolos” (p. 208).

“O Espírito ensina a viver teologicamente no seguimento criativo de Jesus” para tornar presente e fazer crescer o Reino de Deus no mundo (p. 214).

### Nota:

José Ignacio González Faus. *Eresie attuali del cattolicesimo*. Coleção “Lapislazzuli”. Bolonha: EDB, 2019, 244 páginas.